



ENSINO DE HISTÓRIA E IMAGENS GERADAS POR INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL GENERATIVA: CONVERSÃO DAS FONTES VISUAIS

Leidiane Rodrigues de Sousa | UEG | leide.ueg.2026@gmail.com
Milena de Azevedo Duarte Moreira | IFG | profmilena.mestrado@gmail.com
Murillo Folha de Jesus | IFG | tec.murillo@gmail.com

GT 4: Tecnologias Digitais e IA

Resumo

Nas últimas décadas, as tecnologias digitais têm ressignificado a educação e o ensino de História, ampliando as possibilidades de acesso à informação e produção do conhecimento. Este trabalho tem como objetivo analisar o uso da Inteligência Artificial Generativa (IAGen) na criação de imagens sintéticas como fontes visuais para o ensino de História. Parte-se da necessidade de uma leitura crítica dessas imagens, considerando a perspectiva historiográfica da Escola dos Annales, que reconhece as imagens como documentos históricos, buscando compreender como as IAGens dialogam com essa concepção e a ressignificam. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e teórico-conceitual. O procedimento analítico articula estudos sobre fontes visuais, tecnologias digitais e IAGen, visando identificar deslocamentos nos critérios de autoria, autenticidade, intencionalidade, contexto de produção. Os resultados parciais indicam que essas tecnologias podem favorecer novas abordagens pedagógicas, desde que promovam a reflexão crítica sobre a produção, a circulação e a interpretação das fontes visuais em sala de aula. Conclui-se que o uso da IAGen no ensino de História amplia as possibilidades de leitura e representação do passado, desde que haja uma mediação pedagógica docente pautada por princípios éticos e por uma postura crítica diante das imagens produzidas sinteticamente.

Palavras-chave: Inteligência Artificial Generativa. Ensino de História. Fontes visuais. Imagens sintéticas.

1 Introdução

Nas últimas décadas, as tecnologias digitais têm reconfigurado práticas de ensino e acesso à informação e produção do conhecimento. No ensino de História, esse processo se intensifica com a ampliação dos acervos digitais e, mais recentemente, com a difusão da inteligência artificial generativa (IAGen), capaz de produzir conteúdos visuais sintéticos. Os conteúdos visuais sintéticos, também chamados popularmente de “synthetic media”, referem-se a imagens e vídeos gerados artificialmente por algoritmos de inteligência artificial.

Ao longo do século XX, consolidou-se o entendimento de que imagens constituem fontes históricas. Foi o movimento historiográfico Escola dos Annales que possibilitou essa mudança. A Escola dos Annales foi um movimento historiográfico criado na França em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre. Ela surgiu para superar as limitações do Historicismo, que se concentrava principalmente na narração de fatos e acontecimentos políticos.



Fotografias, pinturas, charges e mapas passaram a ser reconhecidos como documentos produzidos em contextos específicos (Bittencourt, 2004; Burke, 2004), deixando de ocupar função ilustrativa na construção do conhecimento histórico.

Entretanto, a IAGen introduz uma inflexão nesse debate. Imagens passam a ser geradas por sistemas algorítmicos, muitas vezes sem relação com acontecimentos reais. Essas produções podem simular personagens, cenários e acontecimentos históricos sem corresponder a registros de época (Manovich, 2001; Flusser, 2002).

Diante disso, este estudo orienta-se pela problemática: De que modo as imagens geradas por IAGen reconfiguram os critérios de leitura, validação e análise crítica das fontes visuais no ensino de História? O objetivo é analisar suas implicações para a leitura crítica, a validação e a mediação pedagógica das fontes visuais.

Metodologicamente, trata-se de pesquisa qualitativa, bibliográfica e teórico-conceitual. O procedimento analítico articula estudos sobre fontes visuais, tecnologias digitais e IAGen, buscando identificar deslocamentos nos critérios de autoria, autenticidade, intencionalidade, contexto de produção, rastreabilidade técnica e circulação em plataformas digitais.

2 Desenvolvimento

A inserção das imagens no conjunto das fontes históricas ampliou as possibilidades de interpretação do passado para além dos documentos escritos. Burke (2004, p. 17) destaca que “as imagens testemunham formas de crença, conhecimento e representação social”. No campo didático, fontes visuais favorecem uma aprendizagem investigativa, pois permitem questionar autoria, contexto, finalidade e circulação (Bittencourt, 2004).

Com a IAGen, as imagens passam a ser produzidas por sistemas automatizados capazes de simular acontecimentos históricos sem vínculo com o tempo representado. Nesse caso, não constituem fonte histórica do acontecimento simulado, mas produção algorítmica que revela imaginários contemporâneos sobre o passado. Assim, uma imagem gerada por IAGen sobre escravidão, colonização, guerra ou cenas cotidianas deve ser interrogada como produção contemporânea, resultante de bases de dados, comandos textuais, modelos probabilísticos e padrões visuais aprendidos.

Nesse sentido, a imagem gerada por IAGen não deve ser compreendida como fonte histórica do acontecimento que simula, mas como fonte para a análise das formas contemporâneas de produção algorítmica de imaginários sobre o passado. Seu papel



pedagógico consiste em permitir que estudantes problematizem a relação entre visualidade, evidência e simulação.

Faustino e Lippold (2022, p. 58) afirmam que o colonialismo digital converte dados em recurso de exploração econômica e política. Essa compreensão aproxima-se da análise de Crawford (2021), ao demonstrar que a IA não pode ser compreendida apenas como sistema técnico ou abstrato, pois depende de infraestruturas materiais, bases de dados, trabalho humano, recursos naturais e formas concentradas de poder corporativo. As imagens geradas por IAGen também são constituídas por relações de poder, pois dependem de bases de dados, plataformas digitais e modelos algorítmicos controlados por grandes corporações tecnológicas.

Nesse contexto da IAGen, os critérios de análise das fontes visuais como autoria e autenticidade passam a coexistir com distintas dimensões analíticas, como procedência digital, rastreabilidade, processo técnico de geração e circulação em plataformas, conforme **quadro 1**.

Quadro 1 – Critérios de análise das fontes visuais diante da IAGen

Critérios de análise das fontes visuais	Ampliação no contexto da IAGen
Autoria	Quem solicitou ou intermediou a geração da imagem?
Contexto de produção	Em qual plataforma, modelo ou sistema a imagem foi gerada?
Intencionalidade	Qual comando ou finalidade a orientou?
Autenticidade	A imagem registra um acontecimento ou simula visualmente uma cena histórica?
Circulação	Em quais redes, plataformas ou materiais pedagógicos a imagem circula?
Leitura crítica	Que vieses sobre o passado ela produz?

Fonte: Elaboração própria.

A concepção freireana de leitura crítica contribui para compreender que ler imagens não significa apenas descrever elementos visuais, mas problematizar suas condições de produção e circulação. Freire (1989, p. 9) afirma que “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, situando o ato de ler como prática histórica, social e política. Aplicada às imagens sintéticas, essa compreensão permite reconhecer que a aparência de evidência visual pode ocultar processos algorítmicos que simulam acontecimentos históricos. Assim, a mediação pedagógica



deve problematizar como a imagem foi produzida, quais interesses a atravessam e quais efeitos produz na compreensão do passado.

Dessa forma, o trabalho com imagens no ensino de História, em contexto de IAGen, demanda uma organização metodológica. Não se trata apenas de interpretar o que a imagem apresenta, mas de analisar os processos que a constituem, situando-a nas dinâmicas contemporâneas de produção de informação. A imagem pode ser compreendida como objeto visual que produz sentidos sobre o passado e como recurso didático produzido em determinadas condições históricas.

Como resultado parcial dessa pesquisa, identifica-se que as imagens geradas por IAGen requerem a ampliação dos critérios de leitura das fontes visuais, inscrevendo aspectos técnicos e digitais nos processos de análise histórica.

3 Considerações parciais

A análise desenvolvida indica que as imagens geradas por IAGen reconfiguram os critérios de análise das fontes visuais no ensino de História, ao deslocarem a imagem do campo do registro histórico para o campo da simulação algorítmica.

Nesse contexto, o trabalho docente assume papel central, pois cabe ao professor orientar os estudantes na leitura crítica das imagens, considerando seus conteúdos, suas condições de produção e seus modos de circulação. A ausência dessa mediação pode comprometer a compreensão histórica diante da crescente circulação de imagens artificiais que simulam acontecimentos e sujeitos do passado.

Conclui-se que o uso de imagens no ensino de História, em contexto de IAGen, requer referenciais teórico-metodológicos capazes de responder às transformações digitais contemporâneas. Mais do que incorporar novos recursos tecnológicos, torna-se necessário redefinir os critérios de análise das fontes visuais e fortalecer práticas pedagógicas voltadas à leitura crítica das imagens. A mediação pedagógica, portanto, não consiste apenas em distinguir imagens verdadeiras e falsas, mas em compreender como as imagens sintéticas participam da produção contemporânea de sentidos sobre o passado.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.



- BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**. Bauru: EDUSC, 2004.
- CRAWFORD, Kate. **Atlas of AI: Power, Politics, and the Planetary Costs of Artificial Intelligence**. New Haven: Yale University Press, 2021.
- FAUSTINO, Deivison; LIPPOLD, Walter. **Colonialismo digital, racismo e acumulação primitiva de dados. Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 14, n. 2, p. 56-78, 2022.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.
- MANOVICH, Lev. **The language of new media**. Cambridge: MIT Press, 2001.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Presença, 1989